

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT



GALDINO DUTRA, conhecido como Seu Zizinho, lembra do começo difícil em Alto Laje: “Trabalhei muito duro para ter uma casa, mas sou apaixonado por esse lugar”, afirmou

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ALTO LAJE

Morador da primeira casa fundou igreja

Galdino Bernardes Dutra, de 96 anos, mora em Alto Laje há 67 anos e ajudou a construir a Igreja São José do Operário

Rayza Fontes

Quem procura por Galdino Bernardes Dutra, de 96 anos, em Alto Laje, Cariacica, pode não encontrar. Mas falando em “Seu Zizinho”, não há quem desconheça, já que além de viver há 67 anos no bairro e morar na primeira casa, ele ajudou a construir a Igreja São José do Operário, a maior do local.

“Era só um barraquinho de tábuas, não cabia quase ninguém dentro. Começamos a levantar desde a fundação e ficou como es-

tá hoje, grande e bonita”, contou.

Religioso, ele é devoto de Nossa Senhora Aparecida e São José, não perde missa, tem foto do Papa e contribui para um canal de televisão católico, ao qual assiste diariamente.

“Na minha idade, com tudo que eu já vivi, a gente tem de buscar ficar perto de Deus, porque Ele é quem manda na vida da gente.”

Relembrando o começo difícil de Alto Laje, quando o transporte era feito a pé ou de bicicleta, Seu Zizinho nasceu em Carangola, Minas Gerais, e no Estado morou em Guaçuí e São José do Calçado. Mas foi capinando, derrubando árvores e aterrando seu lote que ele diz ter encontrado a felicidade.

“Nada aqui era fácil. Achei que nunca fosse para frente, porque a gente vivia no meio do mato. Trabalhei muito duro para ter uma casa, mas sou apaixonado por esse lugar”, afirmou.

Sócio e torcedor do Rio Branco desde 1982, defende o time capapreta com paixão e ostenta um diploma de apoiador na parede da sala. Acompanha o Flamengo pela TV e passa as manhãs na calçada, conversando com quem passa.

“Eu fui porteiro por 25 anos da maior fábrica de linho da América Latina, que ficava aqui no Estado, e tive uma mercearia aqui no bairro. Desde que eu me mudei, minha vida foi trabalhar, mas não reclamo porque sou muito realizado”, contou o viúvo e pai de 12 filhos.

Do tempo em que não existia energia elétrica, ele diz só sentir falta da tranquilidade, mas como amante de uma boa conversa, comemora o crescimento e desenvolvimento da região, porque agora tem mais gente para ouvir suas histórias. “Todo dia passa alguém diferente na minha calçada, cresceu muito”, comemorou Galdino.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Polêmica no nome

> **OFICIALMENTE**, o nome do bairro é contrário às regras ortográficas (escrito com “g”, Alto Lage), diferentemente da grafia correta, que é com “j”. A Tribuna adota a grafia conforme as regras do Português.

> **O BAIRRO ALTO LAJE**, no município de Cariacica, surgiu no final da década de 1940.

> **OS PRIMEIROS** moradores chegaram para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas.

> **O NOME** do bairro foi dado devido à semelhança do local com uma laje: alta e plana

> **NO INÍCIO**, o bairro só tinha um caminho de ligação com a BR-262: a rua Demóstenes Nunes Vieira, usada como acesso a Campo Grande.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Alto Laje, em Cariacica, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As sugestões podem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de A Tribuna com Você ao local.

AS RECORDAÇÕES



ADESIL já foi líder comunitário

Construção de estuque

Há 60 anos em Alto Laje, Adesil Alves Custódio, de 73 anos, conta que o bairro cresceu ao redor do cemitério, na região central. As casas, poucas e cercadas de mata, eram construções simples de madeira e barro, chamadas casas de estuque.

“Tinha até lagoa com jacaré, quando eu mudei, onde hoje é a escola. Mas gosto da tranquilidade do bairro, as coisas melhoraram”, disse o fundador e presidente do centro comunitário na década de 1980.



ERNANE: “Não tinha poluição”

Água de nascente

Como em todo início, o surgimento de Alto Laje, na década de 1940, foi difícil. Moradores desbravaram a mata, aterraram pântanos e conviveram com falta de estrutura mínima, por exemplo eletricidade e saneamento.

Aos 83 anos, 53 vividos no bairro, Ernane Pereira dos Santos vivenciou o período em que água encanada era um luxo, e para beber e se banhar precisava ir até uma nascente.

“A nascente era límpida, não tinha poluição. Mas o bairro foi crescendo, nasceu gente aqui, mudou muita gente também e foi melhorando, ficando mais fácil”, contou ele.